

Resistência afegã: uma tribo enfrenta o Império

CAMILA ALVES DA COSTA

REFERÊNCIA: JONES, Seth G. **In the graveyard of empires – America’s War in Afghanistan.** New York: Ed. Norton, 2010. 430 p.

Depois dos ataques de 11 de setembro, o Afeganistão se viu no centro de diversos estudos que buscam entender sua organização política, seu sistema tribal e os conflitos em que foi envolvido, especialmente a guerra deflagrada pelos Estados Unidos. Geralmente escrito por jornalistas enviados ao país para reportar a guerra, alguns destes trabalhos são longos e cansativos diários de viagem, quando não meras descrições das “exóticas” paisagens e dos habitantes do país; outros tantos, relatórios produzidos por representantes de organismos internacionais, tratando das perdas da guerra, das decepções e expectativas afegãs, da evolução dos plantios de ópio.

O cientista político Seth G. Jones não é o primeiro a usar o epíteto “túmulo de impérios” para se referir ao país eurasiático.

De Alexandre, o Grande, a Gêngis Khan, nenhum império da antiguidade conseguiu de fato conquistar o Afeganistão. A Coroa Britânica, a União Soviética e, agora, os Estados Unidos, todos invadiram o país, tentaram submetê-lo e viram seus esforços derrotados pela resistência dos povos nativos.

Para os reinos europeus do século XVIII, o Afeganistão, encravado no coração da Eurásia, era ponto estratégico e importante rota de passagem, permitindo acesso a diversos mercados. O estabelecimento de novos caminhos através do continente e o desenvolvimento da navegação, no entanto, fizeram diminuir o interesse das potências europeias pelo país. No início do século XIX, porém, o avanço das tropas de Napoleão levou o Império Britânico a tentar ocupar o Afeganistão. Após anos

Camila Alves da Costa: Bacharela em Comunicação Social - UFC e mestranda em Estudos Estratégicos de Defesa e Segurança Nacional-UFF, pesquisadora do Observatório das Nacionalidades.

de invasão, a resistência local expulsou os ingleses. Em 1979, foi a vez de a Rússia tentar a conquista. Empenhado em espalhar o Regime Soviético pelo mundo, o Exército Vermelho invadiu o país, com a concordância de algumas lideranças afegãs, mas sem a aquiescência da população, deflagrando uma guerra civil que destruiu ainda mais a já escassa estrutura do país. Para conter o avanço comunista, o governo estadunidense treinou e proporcionou infraestrutura e armamentos a um grupo que hoje lhe oferece oposição e a quem eles chamam “insurgentes”: os mujahideens.¹

Jones analisa a guerra a partir de informações obtidas em conversas pessoais e entrevistas com líderes e oficiais estadunidenses, como Zalmay Khalilzad – embaixador dos Estados Unidos no Afeganistão, mais tarde transferido para o Iraque – e o general Karl Eikenberry, que comandou tropas americanas no Afeganistão (2005-2007) e em 2009 tornou-se embaixador dos Estados Unidos no país.

Doutor em Ciência Política pela Universidade de Chicago, Seth G. Jones é pesquisador da

RAND Corporation². Especialista em contrainsurgência e contraterrorismo, escreveu o livro *The Rise of European Security Cooperation* (2007) e assinou artigos como “*Counterinsurgency in Afghanistan*” (2008) e “*How terrorist groups end: Lessons for countering al Qaeda*” (2009). No Afeganistão, atuou junto ao Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos, nas funções de conselheiro e representante do secretário-assistente de Defesa para Operações Especiais.

Em *In the graveyard of empires*, o autor tenta compreender a guerra que os Estados Unidos travam desde 2001 no Afeganistão, suas interações com os outros conflitos da região, notadamente no Iraque, e os motivos pelos quais, apesar da situação econômica e militar inferior do país invadido, a maior potência do globo não conseguiu, depois de quase uma década, vencer a resistência afegã.

Seu relato permite ao leitor conhecer detalhes de debates políticos acerca dos novos rumos a serem tomados pelos Estados Unidos na guerra e de importantes eventos do conflito. Além disso, o

¹ “Guerreiros em nome de Deus”, principais responsáveis pela derrota russa no Afeganistão.

² Organização sem fins lucrativos, fundada em maio de 1948, que conta com mais de 800 pesquisadores e desenvolve estudos para a Força Aérea dos Estados Unidos, além de outros patrocinadores.

autor discute a determinação dos líderes estadunidenses de declarar guerra contra o Iraque apenas dois anos depois da invasão ao Afeganistão. Para Jones, essa foi uma decisão equivocada, na medida em que a vitória contra o Talebã e a Al Qaeda ainda não estava assegurada e a divisão dos esforços entre os dois conflitos acabou prejudicando a posição de relativa vantagem conquistada até aquele momento em solo afegão.

O livro explora discussões, desentendimentos e desacordos entre a Casa Branca, o Congresso e os Departamentos de Defesa e de Estado sobre a condução da guerra, o que torna esta uma análise diferenciada e merecedora de atenção, por revelar-se mais do que um trabalho descritivo do conflito. Através desta narrativa, é possível enxergar a dificuldade de consenso nas instâncias do governo estadunidense, entre os aliados que compõem a Força Internacional de Assistência para Segurança (ISAF)³ e entre os componentes do governo e da sociedade afegãos. Segundo o autor, as queixas dos Estados Unidos sobre a atuação da ISAF geraram piadas entre as tropas estadunidenses, que diziam

que a Força Internacional estava ali apenas para descanso, enquanto eles lutavam.

Jones descreve o entusiasmo dos aliados ocidentais com a derubada do Talebã, em 2001, e como o início da guerra do Iraque diminuiu este entusiasmo, ao cortar investimentos no conflito afegão para financiar esta nova guerra. O maior interesse dos Estados Unidos pelo Iraque fez diminuir o suporte às tropas que atuavam no Afeganistão, relegando-lhes ao segundo plano (p.145). Ele expõe ainda a crescente insatisfação de invasores e invadidos com os rumos do conflito e com o fracassado – e confuso – projeto de reconstrução afegã. Sem saber lidar com as mais de 50 tribos locais, nem estabelecer uma liderança capaz de forjar alguma unidade nacional, os Estados Unidos e seus aliados se viram perdidos diante de um velho problema afegão. O desacordo dentro dos órgãos do governo estadunidense acerca dos esforços de reconstrução do país é exposto com riqueza de detalhes. Conforme Jones, havia no governo duas correntes distintas: uma, liderada pelo Departamento de Estado, defendia o estabelecimento de uma força de paz permanente em todo o país, para garantir a segurança através de meios militares e policiais; outra, liderada pelo Pentágono, se opunha fortemente à permanência prolongada

3 A Força Internacional de Assistência para Segurança (ISAF) é a missão de segurança conduzida pela OTAN em atuação no Afeganistão.

das tropas estadunidenses com o propósito de “construir uma nação” (p. 110-114).

Longe de demonstrar a “generosidade” dos Estados Unidos e sua “preocupação” com a população afegã, este debate expõe as vontades imperiais de um invasor empenhado em impor hábitos, regras e costumes que considera superiores aos locais, mas que os afegãos não reconhecem como seus. A construção da nacionalidade afegã, como, aliás, os processos constitutivos das nações, é animada pela busca de autopercepção dos seus integrantes, legitimidade do Estado nacional e reconhecimento externo. Isso significa que os afegãos assumem papel decisivo na configuração de sua comunidade, alimentando o sentimento de pertença, forjando a unidade e projetando o futuro com base na expectativa de uma vida melhor.

As desavenças entre Pen-tágon e Departamento de Estado, entretanto, não se desenvolveram em torno de questões humanitárias. A principal preocupação eram os custos da guerra. “Os Estados Unidos e todo o seu poderio” não conseguiam vencer “a resistência de um Afeganistão miserável em um conflito que se prolongava para muito além do previsto” (p.109-133, 141-150). A hegemonia estadunidense mostrou mais uma vez sinais de crise. A despeito

dos investimentos financeiros, os afegãos continuaram resistindo às imposições ocidentais. Apontado por Washington, o presidente Hamid Karzai teve sua autoridade crescentemente questionada pela população, que o considera um dos líderes mais corruptos que já teve; as relações de sua família com senhores de drogas afegãos e com a CIA também são motivos de desconfiança. Em 2009, sua reeleição só ocorreu depois que o concorrente, Abdullah Abdullah, retirou a candidatura, alegando que, com a influência dos Estados Unidos, “aquela não poderia ser uma eleição livre ou justa”.

Jones dedica um capítulo à “insurgência” afegã, cuja atuação prolonga a guerra, resistindo à dominação de potências estrangeiras. Para o autor, as razões da resistência são uma comunhão de fatores religiosos, “incompetência do Estado afegão” em satisfazer as necessidades da população, crise socioeconômica e a incapacidade dos Estados Unidos e seus aliados em terminar dignamente um conflito cujas conquistas iniciais apontavam na direção da vitória (p.152-156). Surpreende que o autor se refira à “incompetência do Estado afegão” quando tal “Estado” foi aniquilado. Sufocado por mais de trinta anos de invasões e guerras, o Afeganistão há muito não conhece infraestrutura ou liderança. A ordem política que

existia foi destruída por uma sequência de incursões estrangeiras, invasores que agora propõem uma “nação afegã” à revelia da população local.

Em outubro de 2001, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão com o propósito de derrubar o regime talebã, que controlava o país desde 1996, e a determinação de capturar Osama Bin Laden. Em menos de um mês, o Talebã foi destituído do poder. Sua derrubada, entretanto, não representou uma derrota. Enquanto os aliados comemoravam a rápida vitória contra o “terrível regime fundamentalista”, uma investida que, nas palavras do autor, “revitalizava o jeito americano de guerrear” (p. 22), os principais líderes talebãs fugiram através da fronteira com o Paquistão e ali encontraram um terreno seguro para sua reorganização, reestruturação e preparação de novos ataques.

Talvez o conflito afegão trouxesse mesmo de volta “o jeito americano de guerrear”, porém, não pelos motivos que seus admiradores celebravam (entendendo que este “jeito” significava “eficácia”), mas porque novamente os Estados Unidos entravam em guerra com um inimigo consideravelmente mais fraco e, novamente, como inúmeras outras vezes depois da Segunda Guerra Mundial, experimentavam um fracasso retumbante. Do mesmo modo que

no Vietnã, no Iraque e na Somália, em 1992, os Estados Unidos entraram no conflito afegão com ampla vantagem, apenas para ter seus esforços derrotados pelas resistências locais, empenhadas em defender sua pátria. Apesar de algumas conquistas militares, politicamente os Estados Unidos não foram vitoriosos na grande maioria dos conflitos em que se envolveram depois da Segunda Guerra.

Segundo Jones, outro fator que impede a vitória dos Estados Unidos no Afeganistão é a compreensão equivocada que eles e seus aliados fazem de episódios como “a derrota do Exército Vermelho pelos *mujahideens* e a tomada do poder pelos talebãs”. Estes assumiram o governo do país impulsionados pela incompetência da liderança *mujahideen*, “incapaz de oferecer segurança e estabilidade à população e de pensar o futuro de uma sociedade afegã”, envolta que estava nos conflitos entre os diversos líderes tribais (p. 61, 67). Outra dificuldade repousa na falta de compreensão do funcionamento do sistema tribal – ou dos diversos sistemas tribais – afegão, que domina todas as esferas da vida social. “No Afeganistão, todas as políticas são locais” (p. 25), afirma Jones. Os Estados Unidos não foram capazes de lidar com este sistema e administrar a breve conquista do Afeganistão.

De acordo com o autor, a invasão dos Estados Unidos teria trazido para os afegãos “um curto período de esperança” (p. 91). A expulsão do Talebã e a crença de que as forças ocidentais trabalhariam para estruturar o país e suas instituições teriam levado a população a “acreditar que a violência rotineira chegaria ao fim” (p. 94). Porém, completa Jones, a vantagem conquistada pelos Estados Unidos na guerra até aquele momento foi “comprometida” pela dispersão de suas tropas e recursos entre o Afeganistão e o Iraque, ficando os afegãos abandonados à própria sorte (p. 136, 145). Aqui, equivocadamente admite que a população local ansiava pela ocupação estrangeira e esquece que jamais um império submeteu a seu domínio as montanhas afegãs.

No Afeganistão, conflitos se acumulam: entre comunismo e capitalismo (que durante a invasão russa motivaram o apoio estadunidense aos *mujahideens*), xiitas e sunitas, paquistaneses e indianos...

No meio disto tudo, estão o inóspito território afegão e seu maltratado povo.

Este livro revela um esforço de compreensão dos motivos pelos quais uma guerra que poderia ter sido facilmente vencida, dadas as dimensões dos adversários, já custou U\$ 400 bilhões aos cofres americanos – quase 30 vezes o PIB afegão – e continua em curso. Para Jones, apesar do ocasional esquecimento, a principal dificuldade é a “insurgência”, cujas motivações ele tenta compreender e para as quais aponta possibilidades.

Sem conseguir manter o discurso revestido de moralidade, segundo o qual os Estados Unidos e seus aliados trabalhariam para levar a democracia e os valores ocidentais a uma “sociedade selvagem”, o autor termina por expor ao leitor cuidadoso as motivações imperiais dos aliados ocidentais, preocupados com os gastos do conflito e investidos do objetivo de diminuir suas perdas econômicas e políticas o quanto possível.